**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

**Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais - Curso de Ciências Econômicas**

**Diogo dos Reis Cordeiro**

**Henrique Augusto Mansur Grego**

**James Costa Arthuso**

**SINTESE - INTEGRAR PARA CRESCER: O BRASIL NA ECONOMIA MUNDIAL**

Belo Horizonte

2016

**Diogo dos Reis Cordeiro**

**Henrique Augusto Mansur Grego**

**James Costa Arthuso**

**SINTESE – INTEGRAR PARA CRESCER: O BRASIL NA ECONOMIA MUNDIAL**

Síntese do texto utilizado no seminário apresentado à Disciplina: Conjuntura Econômica do 8º Período do Curso de Ciências Econômicas Noite do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais da PUC Minas BH.

Professor: Ricardo Fonseca Rabelo

Belo Horizonte

2016

# 1 INTRODUÇÃO

O texto Integrar para Crescer: O Brasil na economia mundial, de Edmar Bacha faz uma avaliação sobre as motivações do Brasil não conseguir garantir um desenvolvimento econômico considerável por longos períodos. O autor destaca quatro pontos em defesa de uma maior integração com o comércio internacional. Os dois primeiros pontos indicam os rumos da política econômica brasileira que limita a integração com comércio exterior e o desenvolvimento econômico. O terceiro enfatiza as medidas adotadas por países que conseguiram, através do que o autor chama de “exportabilidade” se desenvolver e se posicionar na fronteira tecnológica. O quarto ponto trata de uma proposta do autor para que o país consiga de vez se integrar a nova realidade do comércio mundial. Nessa proposta o autor apresenta três pilares que sustentaram a integração e promoveram o dinamismo na economia.

# 2 INTEGRAR PARA CRESCER: O BRASIL NA ECONOMIA MUNDIAL

“A economia brasileira está enferma”. Assim descreve Bacha (2013; p. 1), ao relacionar o desempenho do volume comercial brasileiro internacional frente às economias desenvolvidas – base para toda sua análise. Com exportações inexpressivas, quando comparadas ao PIB e ao mundo, e participação ínfima para um país com tamanha riqueza o Brasil apresenta questões estruturais, fiscais e políticas que impedem que o desenvolvimento se torne referência do país.

O crescimento do PIB entre 2004 e 2011 foi promovido pela apreciação do câmbio, que segurou a inflação, e uma crescente demanda interna propiciada pelo alto volume de exportações de *commodities* movidos pelo aumento nos preços. Com a redução dos preços das *commodities* a partir de 2011 “o influxo de capital externo reduziu-se em função do maior risco do cenário internacional. A disponibilidade de mão de obra diminuiu e o câmbio se depreciou”. (BACHA, 2013; p. 3). O PIB não resistiu a essas pressões, reduziu o ritmo de crescimento até apresentar recessão.

Ao destacar os diagnósticos para a doença brasileira, Bacha (2013), considera que os sintomas são:

1. investimento total em apenas 18% do PIB;
2. investimentos em infraestrutura abaixo dos 3% do PIB;
3. alta carga tributária, que sufoca os investimentos privados e não promove os investimentos públicos;
4. baixa qualificação da mão-de-obra;
5. a precariedade no ensino do país; e
6. reduzidíssima participação do comércio exterior na atividade econômica.

Para o desenvolvimento econômico a receita está na amplitude comercial internacional. Segundo Bacha (2013), o desenvolvimento está ligado intrinsicamente com o volume de exportações. O autor destaca o paradoxo na balança comercial brasileira que tem na conta de capitais facilidades para captação de investimento estrangeiro direto para com a conta de transações correntes que enfrenta um fluxo fechado de comércio. Na análise, Bacha (2013), propõe que, conforme a experiência de outros países, uma maior integração ao comércio internacional é um forte indutor para a redução da carga tributária, para o aumento da taxa e investimento, para a melhoria da infraestrutura do país e para o aumento da qualidade do ensino, visando uma maior produtividade da mão de obra. Citando Hirschman, Bacha defende que um processo de industrialização pode levar um país subdesenvolvido a elevar seu patamar de desenvolvimento. Processos como o de substituição de importações podem funcionar nesse sentido também, desde que o país consiga desenvolver novas fontes de exportação através das substituições, como o Brasil esboçou que faria ao construir uma forte indústria de transformação a partir das substituições de importações, mas, infelizmente, não mirou sua produção para o comércio internacional, contentando-se apenas em fomentar o mercado interno.

Bacha também analisa o outro lado da relação brasileira com o comércio internacional: os valores das importações também são muito baixos em relação ao PIB, quando em comparação com todos os outros países com informações divulgadas, sendo o índice mais baixo de importações de bens e serviços. Apesar de uma baixa taxa de importação parecer benéfica à balança comercial brasileira, o autor alerta para uma consequência muito perigosa, que é a confirmação de que o Brasil é um dos países mais fechados do mundo, apesar de ser um mercado altamente atraente para o investimento direto de multinacionais. A explicação dessa contradição é o fato de termos nosso mercado interno explorado pelas multinacionais, que não entregam o Brasil às suas cadeias produtivas mundiais, algo que não ocorre em países como Coréia do Sul, por exemplo. Diante desse fato, o autor conclui que as “multinacionais lucram ao investir no país, mas o resto da economia definha, ao deslocar para a substituição protegida de importações recursos locais que poderiam ser empregados com maior eficiência em atividades exportadoras” (BACHA, 2013, p. 4).

Ainda dando foco ao processo de industrialização por substituição das importações, Bacha (2013), explica o porquê de o Brasil não ter conseguido aproveitar esse processo para se desenvolver e aumentar sua participação no PIB mundial, que em 2012 era de apenas 3,3%. Através desse processo de industrialização, o êxodo rural é possível e incentivado, e o crescimento de produtividade agregada que essa mão de obra proporciona é suficiente para elevar a renda nos primeiros momentos do desenvolvimento. A partir do momento em que essa mão de obra extra começa a se esgotar, os ganhos adicionais de produtividade passam a ser possíveis somente a partir de empresas com especialização, tecnologia e investimentos em P&D, que são possíveis de serem conseguidos somente por países integrados fortemente ao comércio mundial, que não foi o caso brasileiro, mas sim de asiáticos, como a já citada Coréia do Sul. “Para ultrapassar a armadilha da renda média é imperativo que deixe de ser um dos países mais fechados do mundo ao comércio internacional”. (BACHA, 2013; p. 6). A integração do comércio provoca uma melhoria das condições de vida da população aumento nos salários. Essa evidência se confirma na maior parcela do PIB destinado ás exportações e implicando um maior volume de importações para garantir a demanda interna.

Para produzir esse desenvolvimento Bacha (2013), sugere um programa a ser implantado gradualmente com o apoio massivo das instituições. Para tanto isso se fará a partir de duas constatações: (i) é necessário abandonar esse sistema de isolamento econômico e passar a aproveitar as dotações de recursos do país de forma intensa; e (ii) os acordos de preferência comercial (APC) são uma realidade mundial e o Brasil precisa se adaptar a essa realidade. O programa sugerido está baseado na reforma fiscal, na substituição de tarifas por câmbio e em acordos comerciais.

A reforma fiscal reduziria o “custo Brasil” sem ampliar a dívida pública:

O objetivo da reforma fiscal seria permitir uma simplificação e redução substantiva da carga tributária sobre as empresas, sem que isso implique um aumento da dívida pública. (BACHA, 2013; p. 9).

A substituição de tarifas por câmbio induz uma troca das taxas e tarifas que o importador paga atualmente pela diferença cambial. Esse sistema seria gerenciado pelo Banco Central com a manutenção de uma taxa de câmbio de referência, baseada em relatórios e estudos do próprio BC, de forma velada por um tempo determinado até que todo processo de integração comercial seja concluído. A Receita Federal, através do Despacho Aduaneiro Expresso/Linha Azul balizaria a redução fiscal sem perdas de receitas. (BACHA, 2013).

Esse pilar promoveria uma total reestruturação na indústria, seja pela especialização tecnológica característica desse sistema comercial, seja pela importação de insumos de melhor qualidade. O sistema certamente produzirá vencedores e perdedores, porém o resultado final será sempre mais vantajoso para o país. Embora esse pilar torne a liberalização mais acelerada, as regras do jogo se complicam e transformam as ações das instituições mais complexas e menos transparentes. Além disso, deve-se relativizar a segurança das tarifas pela transição de um novo processo produtivo com maior participação no comércio internacional.

Os acordos comerciais são o terceiro pilar das propostas sugeridas por Bacha, o ponto central desse pilar é oferecer o grande mercado interno brasileiro para, primeiro, aqueles que querem fazer acordos com o Brasil e, posteriormente, com o restante. Esse pilar não é fundamental para a proposta, contudo tais acordos permitem ganhos de escala ainda maiores graças às reduções aduaneiras, permitindo que fatores específicos sejam melhor alocados e possibilite a redução nos preços relativos.

**REFERÊNCIAS**

Fórum Nacional (Sessão Especial), Brasil: Estratégia de Desenvolvimento Industrial com Maior Inserção Internacional e Fortalecimento da Competitividade. BACHA, Edmar. **Integrar Para Crescer:** O Brasil na Economia Mundial, 2013. Rio de Janeiro: BNDES, 18-19 de setembro de 2013.